



## AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS E A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

COSTA, Josilene Pereira da<sup>1</sup> (UEG )

Lindalva Pessoni Santos<sup>2</sup> (UEG)

### GT 5 - Educação Infantil

#### Resumo

Este trabalho teve como objetivo principal investigar a necessidade e a relevância do trabalho com as múltiplas linguagens na Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Tal percurso metodológico possibilita um aprofundamento e maior compreensão do objeto de estudo. A aprendizagem significativa na educação infantil, ocorre quando é explorado por meio das múltiplas linguagens; o professor da educação infantil deve ter uma ação pedagógica que articule as múltiplas linguagens como essenciais no processo de aquisição do conhecimento, colocando as mesmas como essenciais para atingir a formação integral das crianças. Ao falarmos em linguagem é comum nos remetermos à linguagem verbal e escrita que, sem dúvida, é fundamental para o desenvolvimento infantil, porém, algumas propostas pedagógicas acabam priorizando apenas essas duas no trabalho com as crianças, em detrimento de outras como a corporal, a artística, a musical, etc. Dessa forma acabam privando as crianças de novas vivências e novas experiências que favoreçam a ampliação dos seus conhecimentos. Nesse sentido, a organização do trabalho pedagógico na educação infantil precisa superar o entendimento restrito de linguagem apenas como oralidade e escrita, procurando ampliá-lo face à percepção de que a criança se comunica e se expressa por meio de múltiplas linguagens. Sendo assim, as instituições de Educação infantil devem desenvolver uma proposta pedagógica norteadas pelas múltiplas linguagens, reconhecendo e compreendendo a criança em sua totalidade. Para encaminhar esta pesquisa nos fundamentamos em autores como Farias e Salles (2012), Faria e Dias, Oliveira (2012), Brandão e Leal ( 2011), entre outros autores.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Múltiplas Linguagens. Práticas Pedagógicas.

#### Introdução

1- Josilene Pereira da COSTA, Graduada em Pedagogia- Universidade Estadual de Goiás- UEG- Câmpus Inhumas.

2- Lindalva Pessoni SANTOS, Mestre em Educação, Universidade Estadual de Goiás-UEG- Câmpus Inhumas. Professora de Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil.



A educação infantil constantemente é ressignificada e referenciada pelos estudiosos da área, os mesmos reconhecem a importância do desenvolvimento integral das crianças principalmente por meio das múltiplas linguagens. Esta questão não pode ser negligenciada no trabalho na educação infantil, uma vez que a ausência do trabalho por meio das múltiplas linguagens limita a formação da criança e a impede de apreender o mundo por diferentes modos.

Frequentemente o termo “linguagem” é relacionado quase que exclusivamente à linguagem verbal e escrita e, por vezes, lhe é dado tanto destaque que chega a ofuscar outras manifestações expressivas dos seres humanos; a priorização dessas duas formas de linguagem, na educação infantil, em detrimento de outras, priva as crianças de novas vivências, novas experiências que ampliem seus conhecimentos. Nesse sentido, o trabalho proposto e desenvolvido na educação infantil precisa superar esse entendimento de linguagem e considerar que a criança se comunica e se expressa por meio de múltiplas linguagens, de “cem linguagens” como defende Loris Malaguzzi (1994).

Falar em múltiplas linguagens é falar de uma proposta que visa o desenvolvimento integral da criança. Mas qual seria o papel das múltiplas linguagens? As múltiplas linguagens são de fundamental importância, pois contribuem no desenvolvimento integral da criança oportunizando a elas novas vivências, como se expressar melhor e explorar mais o ambiente no qual está inserida. As crianças precisam vivenciar novas experiências no espaço de educação infantil, ter oportunidade de desenvolver diferentes formas de sentir, pensar e solucionar problemas.

Nesse processo, é preciso considerar que as crianças necessitam envolver-se com diferentes linguagens e valorizar o lúdico, as brincadeiras, as culturas infantis. Não se trata assim de transmitir à criança uma cultura considerada pronta, mas de oferecer condições para ela se apropriar de determinadas aprendizagens que lhe promovam o desenvolvimento de diferentes formas de agir, sentir e pensar.

### **As múltiplas linguagens e o desenvolvimento infantil**

As múltiplas linguagens são importantes para as crianças desenvolver a



intelectualidade, o conhecimento de mundo, também para construir a sua subjetividade, pois a partir dessas interações pode surgir o interesse delas de compreender e de se apropriar dos sistemas simbólicos que constituem o conhecimento formal.

A criança tem um jeito próprio de fazer contato com o mundo externo, com as pessoas, pois a interação e o entendimento feito por elas acontecem em seu entorno de forma diferente. Ela precisa de contato com os acontecimentos, com as informações, para compreender e construir o significado de tudo que está à sua volta.

Para que, gradualmente, a criança possa construir essa autonomia, cabe ao profissional ser coerente em suas posturas, oferecendo-lhes referenciais e possibilitando-lhe experiências constantes de reflexão sobre suas ações, de forma a torná-la cada vez mais emponderada, protagonista de suas ações. (FARIA; SALLES, 2012, p. 59)

Para que a criança possa construir esta autonomia como as autoras colocam, é importante que os professores assim como a instituição tenha clareza da proposta defendida em seu currículo. A instituição deve ser comprometida com o que faz e os profissionais precisam ter clareza das suas ações, pois deles dependem a formação das crianças.

[...] os professores devem ter como perspectivas possibilitar que as crianças aprendam determinados conhecimentos, instrumentos, procedimentos e valores da cultura, adequando a prática pedagógica às necessidades específicas e às possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem delas. (FARIA; DIAS, 2007, p.55)

Por isso, a definição do trabalho do professor como mediador de saberes envolve um olhar reflexivo no sentido de pensar formas de responder às expectativas das crianças e colocá-las no centro do processo educativo, promover a aprendizagem em um ambiente próprio, com interação entre as mesmas, para que se desenvolvam conhecimentos a partir de suas próprias ações, dessa forma, o professor tem o papel de mediar o processo de aprendizagem das crianças.

O resultado das práticas educacionais no desenvolvimento das crianças é feito por meio das relações sociais que desde cedo elas estabelecem com os professores e as outras crianças e que afetam a construção de suas identidades. Em função disso, a preocupação básica do professor deve ser garantir às crianças oportunidades de interação com seus



companheiros. Pois é, nestas interações com os outros que elas vivenciam novas experiências, e dão novos significados a vida.

Para estabelecermos um diálogo voltado para as múltiplas linguagens na educação infantil, será considerada as Diretrizes Curriculares Nacionais, como documento mandatário que têm a finalidade de orientar e subsidiar a elaboração, o planejamento, a execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares e os aspectos relacionados à promoção das experiências expressivas das crianças no que se refere as múltiplas linguagens. Em seu art. 9º as DCNEI, defendem que as instituições de Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiência que:

[...] favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical, e também [...] promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura. (BRASIL, CNE/CEB, 2009, p. 7)

É importante que as especificidades e interesses das crianças sejam considerados no planejamento, ver as crianças em cada momento como um sujeito de direitos, na qual os seus aspectos motores, afetivos, cognitivos e linguísticos integram-se, mesmo estando em permanente mudança. Em relação a qualquer experiência de linguagem que seja trabalhada pelas crianças, deve ser eliminado qualquer tipo de procedimento que não reconheçam a atividade criadora e o protagonismo da criança pequena.

As várias formas de linguagem são, ao mesmo tempo, mediadoras das múltiplas relações que são estabelecidas com as crianças numa IEI e necessitam, também, ser pensadas e trabalhadas intencionalmente nas propostas pedagógicas dessas instituições como objeto de conhecimento. Isso quer dizer que, além de possibilitarem o compartilhamento de significados nas relações cotidianas, as linguagens devem ser trabalhadas como sistemas simbólicos que têm funções sociais e estruturas específicas, que possuem acervos culturais ricos e importantes. Nas relações que as crianças estabelecem com o seu meio, as linguagens se mesclam, funcionando de forma interdependente. (FARIA; DIAS, 2007 p.62-63)

Portanto, é imprescindível que a proposta de trabalho considere as múltiplas formas de linguagens: oral e escrita, gestual, plástica, visual, o brincar, a linguagem musical, virtual e outras.



## Linguagem oral e escrita

A aprendizagem da linguagem oral e escrita é importante para as crianças ampliarem suas possibilidades na construção de conhecimentos e desenvolvimento de ideias.

De acordo com Faria e Dias (2007), a linguagem escrita é um sistema de representação com símbolos, sinais e normas, convencionados em cada contexto histórico e cultural, criado pelo homem em função das suas necessidades. A linguagem escrita é uma continuação da linguagem oral, estando entrelaçadas nos processos de aprendizagens das crianças.

A linguagem escrita representada é mais complexa do que a linguagem oral, pois depende do ensino que na maioria das vezes, é feito quando a criança ingressa na escola.

Enquanto que, a linguagem oral, desde o nascimento a criança está imersa em um mundo de sons ouvindo e emitindo uma série deles. De maneira que, estes sons percebidos no convívio diário com seus pares. A este respeito Faria e Dias (2007, p. 63), afirmam que [...] “há o processo de internalização e constituição do pensamento. A linguagem passa a comunicar o mundo interno e permite à criança sair do tempo imediato e do local presente”.

As crianças que frequentam a Educação Infantil estão em um constante processo de socialização com seus colegas, professores (as) e funcionários da escola. Pois, é um período essencial, para que ocorram as aquisições mais importantes e relativas em relação ao desenvolvimento da linguagem oral. De forma que, também é neste processo de interação com os sujeitos culturais, que as crianças presenciam e participam de situações que se tornam necessário para o desenvolvimento de sua linguagem.

Essa interação constante e diária, as situações de aprendizagens vividas na instituição, o conhecimento de mundo e do que às cercam é fundamental para o seu desenvolvimento, permitindo que elas sejam capazes de compreender e de se expressar sobre objetos ausentes. Pois, é por meio da linguagem oral que a criança se comunica e interage com o mundo ao seu redor.

É neste processo de interação com os adultos da cultura, que a criança vai gradualmente construindo sua capacidade de fazer suas próprias narrativas. A linguagem é um



meio de comunicação que proporciona conhecimentos para construir uma representação do mundo, com a mediação do adulto. Pois, é nessas interações que as crianças ouvem a língua que é falada ao seu redor e organizam o que ouvem de acordo com suas necessidades.

Assim, a linguagem se torna representativa, desvinculando-se da ação; durante toda a infância a criança vai adquirindo essa capacidade; progressivamente passa a reconstituir fatos acontecidos e a antecipar os fatos não ocorridos.

Se essas importantes aquisições são apropriadas pelas crianças exatamente na fase que coincide com o período da educação infantil, é fundamental que os professores que atuam nessa etapa educacional organizem seu trabalho de forma a favorecer, intencionalmente, a apropriação e o desenvolvimento dessa linguagem pelas crianças, ampliando suas possibilidades de interação com os sujeitos da cultura e construindo sua subjetividade. (FARIA; DIAS, 2007, p.64)

É na interação adulto/criança que se inicia o desenvolvimento da linguagem, para isso, o ambiente e as relações estabelecidas são fundamentais. Inicialmente, seu convívio com a mãe, depois com educadores e, pouco a pouco, com o ambiente social mais amplo.

Por esse motivo, o professor deve planejar atividades que visam a ampliação do processo de construção da linguagem. Para Faria e Dias (2007, p. 65),[...] “o professor deve ter clareza que a linguagem oral, através da fala, da escuta e da compreensão, permeia quase todas as interações estabelecidas em uma instituição de educação infantil”.

Assim como, na linguagem oral as crianças precisam de interações com sujeitos da cultura para desenvolver a fala, acontece o mesmo processo para desenvolver a escrita. Sendo que a escrita para Faria e Dias (2007, p.82), [...]“é um sistema de representação com símbolos, sinais e normas, convencionados em cada contexto histórico e cultural, criado pelo homem em função das suas necessidades”. Portanto, é de acordo com as necessidades e os contextos que as crianças estão inseridas que elas começam a perceber o significado desta cultura letrada na qual pertencem, iniciando um processo de aquisição dessa linguagem.

Nesse processo de construção da base alfabética, durante o qual as crianças formulam e reformulam hipóteses, construindo explicações sobre o que a escrita representa e como ela é representada, elas vão se apropriando da dimensão sonora da escrita. Em outras palavras, elas percebem que há uma relação entre o que falamos e o que escrevemos; entre a quantidade e a qualidade das letras necessárias à escrita; sobre o valor posicional das letras nas palavras; sobre a relação entre grafemas e fonemas. (FARIA; DIAS, 2007, p.83-84)



Com a mediação, a criança vai sentindo a necessidade de utilizar marcas apropriadas na sua escrita para relacionar-se com a apropriação e a reconstrução de vários aspectos: funcionais, textuais, gráficos e aqueles relativos ao sistema alfabético. Quando chega nessa fase, a escrita adquiriu sua real função enquanto um signo cultural.

Na sociedade atual, a cultura letrada faz parte do cotidiano das crianças desde que nascem, o que contribui para a construção de conhecimentos acerca desse objeto de conhecimento desde cedo. As experiências com a leitura e a escrita, no entanto, variam de acordo com as oportunidades que as crianças têm, em seu cotidiano, de vivenciar tais práticas em diferentes espaços, como a própria casa, a igreja, os clubes recreativos, etc.

Nesse sentido, acreditamos que o espaço da Educação Infantil pode contribuir para ampliar as habilidades de uso da linguagem escrita principalmente para aquelas crianças que apresentam experiências de letramento mais limitadas. Porém, o que ainda se observa em muitas instituições de Educação Infantil é a permanência de práticas de leitura e escrita apenas com objetivos de codificar e decodificar sem o seu uso social real, ou seja, a leitura e a escrita vistas como uma atividade mecânica de memorização de um código de conversão de unidades sonoras em unidades gráficas e vice-versa, com realização de muitas atividades de cópias, memorizações de padrões silábicos e leitura de textos cartilhados, como forma de preparar para a alfabetização.

De acordo com Brandão e Leal (2011), existem diferentes concepções sobre a apropriação da leitura e da escrita no trabalho desenvolvido em salas de Educação Infantil. Segundo as autoras, existem três possibilidades de caminhos que envolvem diferentes perspectivas teórico-metodológicas e que vem marcando as práticas desenvolvidas nessa etapa da escolarização.

O primeiro caminho direciona a prática de leitura e escrita na Educação Infantil para o que as autoras denominaram de “obrigação da alfabetização”, na qual é imposto às crianças, desde muito cedo, uma rotina exaustiva de cópia de letras, sílabas e palavras, a fim de que as mesmas possam memorizar as relações grafo-fônicas e concluam o último ano da Educação Infantil, lendo e escrevendo algumas palavras e frases.

O segundo caminho surgiu como reação às práticas que priorizavam o ensino



transmissivo de letras, fonemas e/ou sílabas soltas. Nele, a ênfase do trabalho na Educação Infantil passou a ser com outros tipos de linguagem. Outras linguagens eram privilegiadas em detrimento da linguagem escrita.

Nesse tipo de abordagem, portanto, a alfabetização, de modo contrário ao que propõe o caminho anterior, não é concebida como objeto de trabalho educativo, sendo, em geral, tomada como um “conteúdo escolar” e, portanto, proibido para crianças da Educação Infantil. (BRANDÃO; LEAL, 2011, p. 18)

Segundo as autoras, partia-se do pressuposto de que a simples convivência com textos diferenciados, em situações diversas de leitura e escrita, garantiria o desenvolvimento dos alunos no que se refere à apropriação da escrita alfabética.

No terceiro caminho, é apontado a possibilidade de trabalhar a linguagem escrita na Educação Infantil de forma sistemática, incluindo as atividades relativas à apropriação do sistema alfabético da escrita, e as atividades no eixo do letramento, além de outras atividades relacionadas às vivências da cultura da infância.

[...] neste terceiro caminho aponta-se a possibilidade de ensinar a escrita na Educação infantil de forma sistemática, incluindo aspectos relativos à apropriação do sistema alfabético de escrita, sem desconsiderar os objetivos e as atividades no eixo de letramento, bem como outras necessidades relativas ao desenvolvimento e vivências da infância. (BRANDÃO; LEAL, 2011, p. 21)

Assim o trabalho pedagógico nas instituições de educação infantil deve ser organizado de forma a considerar a perspectiva da criança que aprende, possibilitando que desde pequena ela seja estimulada a interagir com a linguagem escrita por meio de seus diferentes portadores de texto e, ao mesmo tempo, vivencie atividades de reflexão sobre as palavras e as unidades que as constituem, de modo a elaborarem diferentes hipóteses sobre a escrita.

Como abordado por Brandão e Leal (2011), juntamente com as atividades de leitura e produção de textos e de exploração da oralidade das crianças, as atividades de reflexão sobre a língua também deveriam fazer parte do cotidiano das salas de Educação Infantil, por meio da realização de brincadeiras com as palavras presentes, por exemplo, em textos como parlendas, trava-língua, poemas, cantigas de roda, entre outros.

Com a leitura desses textos, as crianças podem brincar com a sonoridade das



palavras e realizar diferentes atividades de reflexão. De acordo com as autoras “atualmente, reconhece-se que as brincadeiras são de fundamental importância na educação da criança pequena [...]” (BRANDÃO; LEAL, 2011, p.55).

É necessário que, percebamos desde cedo a importância de promover o letramento na perspectiva do lúdico, das brincadeiras.

[...] crianças menores de seis anos ampliam suas habilidades de uso da linguagem escrita nas situações de seu cotidiano, bem como comecem a aprender sobre alguns princípios do sistema da escrita alfabética. Frisamos, ainda, que essa aprendizagem deve estar em consonância com os interesses e desejos infantis, de modo que as situações de leitura e escrita propostas assegurem às crianças o prazer de agir por meio desses recursos da nossa cultura, sem ferir, ao mesmo tempo, seu direito de aprender brincando. (BRANDÃO; ROSA, 2011, p.8)

Assim, é importante ressaltar o espaço da linguagem oral e escrita ao lado de outras linguagens (musical, corporal, o brincar, plástica e visual,) em que as crianças podem se expressar e se desenvolver, inclusive salientando que o mesmo deve estar inserido no planejamento, sem considerar que a linguagem oral e escrita predomine sobre as outras. Brandão e Leal acreditam que:

[...] na Educação Infantil, é importante garantir que as crianças vivenciem situações diversificadas de contato com a escrita. Tal defesa, no entanto, articula-se à proposição de que nessa faixa etária a brincadeira constitui-se atividade central do cotidiano infantil. É brincando que as crianças participam do mundo adulto e aprendem suas características. Brincando, elas podem, também, ingressar na cultura escrita. Em suma, propomos que, na Educação Infantil, sejam garantidas situações de convívio com a escrita, sem, no entanto, tornar tais vivências um fardo para as crianças. (BRANDÃO; LEAL, 2011, p. 21)

Dessa forma, acreditamos que toda e qualquer forma de linguagem representa uma riqueza de possibilidades, desde que, a criança tenha acesso às especificidades de cada uma delas, para que, desse modo, possa desfrutar de todas, apropriando-se de cada uma de maneira particular, o que significa, reconhecer nelas particularidades que não as colocam em ordem hierárquica de importância, mas em situação de igualdade diante ao que cada uma representa. Por isso, se justifica dar tanto valor às variadas experiências humanas que, no conjunto, formam o acervo de manifestações de que se vale o homem para se comunicar. Desta forma, as autoras entendem e defendem que a apropriação da linguagem escrita é um longo processo que começa bem antes da entrada nas instituições educativas.



Assim sendo, é importante proporcionar diversas atividades buscando estimular o desenvolvimento das capacidades cognitivas, motora, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e de inserção social. Assim sendo, é importante reconhecer as múltiplas linguagens neste processo de aquisição da escrita e da oralidade pelas crianças.

É importante destacar aqui também, as relações entre as brincadeiras e o desenvolvimento da linguagem verbal. Nas palavras de Leal e Silva (2011), o brincar com a língua faz parte de muitas culturas em diferentes momentos históricos. Para Leal, Albuquerque; Leite (2005, apud LEAL; SILVA, 2011, p. 57-58)

Quando cantamos músicas e cantiga de roda; ou recitamos parlendas, poemas, quadrinhas; ou desafiamos os colegas com diferentes adivinhações; estamos nos envolvendo com a linguagem de uma forma lúdica e prazerosa. Da mesma forma, são variados os tipos de jogos que fazem parte da nossa cultura e que envolve a linguagem. Quem nunca brincou, fora da escola, do jogo da forca, ou de adedanha (também chamada de animal, fruta, pessoa), ou de palavras cruzadas; dentre outras brincadeiras?

Quando a criança brinca ela está ressignificando o mundo a sua volta como por exemplo, quando ela brinca de simulação ou imitação e ela torna-se mãe e sua boneca a filha, é uma situação do seu cotidiano. Por isso, a comida, o lápis, os sapatos, tudo se torna brinquedo. Quando está sem nenhum objeto seu corpo torna-se um brinquedo. O brincar é uma atividade própria da criança, dessa forma, ela se movimenta e se posiciona diante do mundo em que vive.

### **Linguagem corporal/movimento**

O movimento é o meio de expressão fundamental das crianças na Educação Infantil, isto porque o espaço entre a emoção e ação é menor quanto mais jovem for à criança. Para Oliveira (2012):

[...] A criança pequena “pensa” e se comunica primeiramente com o corpo. É também o corpo e o movimento sua primeira fonte de prazer. Com isso as crianças, desde o nascimento, atuam e dão significado ao ambiente em que vivem por meio de movimentos, que são interpretados por seus parceiros culturais e se tornam gestos que, por sua vez, compõe uma linguagem corporal [...] (OLIVEIRA, 2012, p.112)



Ao movimentar-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico. O movimento para a criança pequena significa muito mais do que mexer partes do corpo ou deslocar-se no espaço. De acordo com Faria e Dias:

[...] a criança apropria-se de gestos e do repertório de atividades culturais relacionados ao movimento, que lhe permitem a realização de ações e procedimentos, bem como compreender e expressar ideias, sentimentos e desejos. (FARIA; DIAS, 2007, p. 67)

Ainda de acordo com as autoras, essas apropriações se dão nas relações sociais e afetivas com seus pares, e nas relações estabelecidas com a natureza. Desta forma a criança se expressa e se comunica por meio dos gestos e das mímicas faciais e interage utilizando fortemente o apoio do corpo. Esta é uma linguagem tão rica de significados e sentidos, de modo a favorecer um melhor entendimento de si e do outro. Na verdade, a linguagem produz sinais que possibilitam ao emissor e receptor um entendimento de si próprio e do contexto social. A este respeito Faria e Dias defendem que:

[..] A criança apropria-se de expressões faciais de alegria, tristeza, raiva. Imita gestos, aprende os jogos e brincadeiras que envolvem o corpo. Envolve-se nos gestos ritmados e harmônicos das danças. Estabelece, a partir das vivências, mediadas por seu próprio corpo, relações com o espaço e com o tempo. Essas vivências, mediadas por outros sujeitos da cultura, possibilitam-lhe construir e se apropriar de noções espaciais e temporais. (FARIA; DIAS, 2007, p.67)

Quando pensamos em linguagem, imediatamente nos vem à mente a linguagem verbal, raramente pensamos nos gestos, posturas, movimentos e expressões, que carregam outros entendimentos. Elas estão ligadas tão intimamente, que muitas vezes se torna difícil falar sem que haja algum tipo de movimento corporal, mesmo que esse movimento não seja percebido. É através deles que expressamos sentimentos, emoções. Coisas que não são dominadas e acaba revelando muito de nós.

### O brincar como linguagem



O brincar é sempre muito agradável, já que é assim que as crianças se ambientam, e socializam com seus familiares, colegas e professores. É no brincar que elas se envolvem com o espaço e exploram recursos, fantasiando formas, jeito e situações lúdicas. Brincando as crianças também aprendem e se desenvolvem. Faria e Dias reforçam a contribuição do ato de brincar afirmando que:

O brincar é uma das formas privilegiadas de as crianças se expressarem, se relacionarem, descobrirem, explorarem, conhecerem e darem significado ao mundo, bem como de construir sua própria subjetividade, construindo-se como sujeitos humanos em determinada cultura. É, portanto, uma das linguagens das crianças e, como as demais, aprendida social e culturalmente. (FARIA; DIAS, 2007, p.70)

Portanto, é no brincar que as crianças despertam para o lúdico, para a fantasia, aprendendo a colocar-se no lugar do outro. É a brincadeira de faz-de-conta que estimula a capacidade da criança de respeitar regras que valerá não só para a brincadeira, mas também para a vida. Ela também ativa a criatividade, pois através da escolha de papéis terá que reproduzir e criar a representação na brincadeira. Assim, aprendem a interagir, a construir e reconstruir as relações que as constituem como partes integrantes de um grupo. Segundo Faria e Dias:

Podemos considerar, portanto, o brincar como importante espaço de aprendizagem sobre o mundo físico e social e, ao mesmo tempo, como possibilidade de a criança transformar essa realidade, desenvolvendo a capacidade de imaginar, de “ir além”. Podemos também compreendê-lo como lugar privilegiado de construção de relações éticas e estéticas, enfim, como espaço de construção de identidade pessoal e social do indivíduo. (FARIA; DIAS, 2007, p. 71)

Assim, a brincadeira é, por sua vez, criadora de laços de solidariedade e de comunhão entre os sujeitos que dela participam, assumindo também, importância fundamental como forma de participação social.

[...] A brincadeira é também uma forma particular de comunicação, de prazer, de recreação, espaço onde as crianças podem agir por conta própria, tomar decisões, transgredir, dar novo sentido às coisas (CORSINO, 2009, p.6)

Brincar é, portanto, uma importante experiência de cultura e um complexo processo interativo e reflexivo que amplia os conhecimentos da criança sobre o mundo e sobre si



mesma.

### Linguagem plástica e visual

As artes visuais na educação infantil têm um papel fundamental. Dispõe para a criança uma experiência estética que aguça a sua sensibilidade, além de envolver aspectos cognitivos e culturais.

Por meio da linguagem plástica e visual, as crianças irão representar tanto o mundo da cultura infantil, quanto o mundo adulto, buscando organizar-se internamente. A forma como vai utilizá-la vai depender de sua experiência de vida, de suas possibilidades cognitivas, afetivas e motoras, bem como do conhecimento de signos, símbolos, suportes, materiais, instrumentos e procedimentos próprios dessa linguagem. Vai depender também, do seu acesso ao acervo artístico, histórico e cultural em artes e da postura dos adultos em relação ao seu processo de produção. (FARIA; DIAS, 2007, p. 77)

As artes visuais compreendem as criações próprias das crianças, além da apreciação de outras obras. A criação abrange pinturas, modelagens, desenhos, ilustração, gravura, bordados, construção, instalação, fotografia, esculturas, cinema, televisão, computação gráfica e outros. A apreciação deve ser significativa, de forma a propiciar, a convivência com produções visuais; interagindo com sujeitos de uma cultura que utiliza esses meios, como forma de construir arte, de expressar e compreender sentimentos, ideias, desejos. Pois, é a partir deste reconhecimento que as crianças terão a possibilidade de utilizar e desenvolver essa linguagem simbólica.

Nesse sentido, Faria e Dias (2007) acreditam que é dando importância a essa linguagem que a criança desenvolve a sensibilidade artística, e assim, se apropriam dos vários elementos que possibilitam a produção e a apreciação nas artes visuais e plásticas.

### Linguagem musical

A linguagem musical está presente na vida dos seres humanos e há muito tempo faz parte da educação de crianças e adultos. Desde o nascimento, a criança tem necessidade de desenvolver o senso de ritmo, pois o mundo que a rodeia, se expressa num festival de ritmos evidenciados por diversos aspectos: no relógio, no andar das pessoas, no voo dos pássaros, nos pingos de chuva, nas batidas do coração, numa banda, num motor, no piscar de olhos e até



mesmo na voz das pessoas mais próximas.

No indivíduo, a dança e a música estimulam áreas do cérebro que aguçam a percepção, desenvolvendo a sensibilidade, o raciocínio, a concentração, a memória e a coordenação motora. Também ajudam na expressão das emoções, facilitam as relações sociais, o enriquecimento cultural, e auxilia na construção da cidadania.

A música como linguagem tem a função organizadora dos signos sonoros no espaço e no tempo. Considerando que ela se constitui como um meio de orientar a reflexão do ouvinte sobre o mundo, pode-se afirmar que sua presença entre as crianças é fundamental para que as mesmas possam compreender e construir seu cotidiano e seu mundo a partir da linguagem sonora. Faria e Salles sinalizam que:

A música constitui-se, pois, como arte e está presente em todas as culturas, tendo a potencialidade de firmar a identidade de um povo. Existem, dessa maneira, diversos estilos e linguagens musicais, constituído historicamente, em diferentes tempos, espaços e nas diversas culturas, reunindo uma riqueza cultural, artística e estética, que se constitui em patrimônio cultural da humanidade. ( FARIA; SALLES, 2012, p.152)

As crianças estão envolvidas no universo sonoro desde tenra idade, alguns afirmam que desde a fase intrauterina. De acordo com as considerações de Faria e Dias:

Vários estudos evidenciam que ainda no útero da mãe o bebê ouve os sons à sua volta: Provocados pela movimentação do líquido amniótico, pelos batimentos cardíacos, pela voz da mãe e etc. quando nasce o bebê passa a escutar o que está a sua volta: conversas, gemidos, brigas. Cantigas de ninar. Começa, assim, a se inserir na cultura, apropriando-se dos ritmos, sons e melodias nela vivenciados. Sua primeira seleção musical é feita na família, e esse grupo é formador de suas preferências musicais. (FARIA; DIAS, 2007, p. 80)

Diante disso, é importante que os professores de Educação Infantil, compreendam a música como uma das linguagens, e que esta contribui para a formação humana das crianças, proporcionando a expressão de sentimentos, sensações, ideias e o compartilhamento de significados entre sujeitos.

A música permite a criança aprender a combinação de sons, bem como atribuir significado a estes sons. A este respeito Faria e Dias (2007, p. 81) afirmam que “as crianças, quando a sensibilidade sonora e musical é continuamente despertada, são também capazes de criar ritmos, musicais e produzir sons diversos [...]” Portanto, é através da manipulação



desse diferentes objetos que a criança desenvolve a sensibilidade sonora e assim, se tornam capazes de combinar som com outro som. Segundo Maffioletti (2001, p.130), “[...] é isso que fará dela um ser humano capaz de compreender os sons de sua cultura e de se fazer entender pelo uso deliberado dessas aprendizagens nas trocas sociais”.

Contudo, a autora evidencia que, música não é somente o cantar, mas também a manipulação dos instrumentos musicais ou objetos sonoros que são ofertados às crianças.

As crianças precisam ter experiências concretas com objetos que emitem sons, instrumentos musicais ou outros e formar um vocabulário específico para se referir a eventos sonoros. O manuseio de objetos sonoros cria situações em que será possível agrupar ou separar os sons, classificar e seriar. Além disso, devido às características temporais do som, as noções de sequência; “antes”, “agora”, “depois”; duração: “muito tempo”, “pouco tempo”, “início”, “meio” e “final” são algumas das aprendizagens que o trabalho com instrumentos musicais propicia. (MAFFIOLETTI, 2001, p. 130)

Ainda nas palavras da autora, o trabalho com a música não deve ser mera repetição das palavras e gestos do professor, é importante que as crianças tenham em mãos objetos musicais para que possam manipular e criar sons diversos.

Assim, o trabalho com a música não deve ser apenas repetitivo, e sim, que as crianças tenham a oportunidade de cantar e de se expressar, além de manipular objetos musicais e criar diversos sons. Quando a criança manipula esses objetos livremente ela desenvolve a criatividade.

### **Linguagem matemática**

A linguagem matemática está presente nas atividades que a criança realiza, das mais simples às mais complexas, quando classifica os objetos, ao reconhecer quantidades, ao relacionar eventos no espaço e no tempo, ao se apropriar das noções de grandeza, comprimento e outras. Nas brincadeiras ou no dia-a-dia na família, a criança interage com outras crianças e com adultos, ou seja, desde muito pequenas elas já entram em contato com a matemática, mesmo sem se darem conta desse evento.

Podemos perceber, assim, como a criança, imersa em uma cultura matematizada, vivencia ou presencia situações em que se torna necessário contar, ler números,



quantificar números, fazer operações de soma, subtração, multiplicação e divisão, utilizar medidas diversas (de tamanho, de peso, de valor, de distância, de tempo, de capacidade etc.), organizar-se ou estruturar-se espacialmente, além de se utilizar de gráficos ou tabelas. (FARIA; DIAS, 2007, p. 95)

Desta forma, a criança gradativamente se apropria da linguagem matemática e utiliza-se dela para resolver problemas como quantificar brinquedos, comparar quantidades, acompanhar os pais em situações de compra e outros. Faria e Dias (2007, p. 95) afirmam que [...]“os homens construíram o conhecimento sobre os números, o sistema de numeração, as medidas, a geometria e o tratamento de dados em função das necessidades sócias”, como, por exemplo: a necessidade de contar, de olhar no calendário, de olhar as horas para se orientar e outros.

Assim, a matemática é um objeto de uso social sobre o qual as crianças elaboram hipóteses para se apropriar do conhecimento, a este respeito Faria e Salles vem discorrer que:

A matemática tem que ser vista e trabalhada também como um objeto de uso social sobre o qual as crianças elaboram hipóteses para dele se apropriarem. Tendo em vista essa questão, é importante pensarmos na criação de um “ambiente matematizador” que supere as formas escolarizantes de trabalhar os conhecimentos – voltados à memorização e à reprodução mecânica de números e numerais, do trabalho isolado e repetitivo com o nome de cada uma das formas geométricas em folhas xerocadas e de forma descontextualizadas. Assim, ao se apropriar dos vários aspectos desse conhecimento, as crianças estarão, também, percebendo as funções da matemática na sociedade e não apenas em relação ao número, mas também nas experiências, envolvendo relações espaciais, formas, medidas e tratamento da informação. (FARIA E SALLES, 2012, p. 161,162)

Por isso, é importante que, o trabalho com a matemática seja iniciado logo nos primeiros anos de vida escolar da criança, e que essa linguagem não seja reduzida a uma lista de fatos que devem ser memorizados.

O professor possui uma função importante que é propiciar às crianças um ambiente em que possam explorar diferentes ideias matemáticas, que não sejam apenas numéricas, mas também referentes à geometria, às medidas e às noções de estatística, de forma prazerosa e que possam compreender a matemática como uma forma de linguagem, como a falada, a escrita, etc. A matemática está presente em nossa vida desde o nascimento, onde tudo gira em torno de números, medidas, operações, figuras geométricas; através dos meios de comunicação que demonstram uma infinidade de informações da linguagem matemática.



Faria e Dias (2007), defendem que desde muito pequenas, as crianças separam, dividem e agregam objetos nas suas brincadeiras. Elas entram em contato com essa linguagem para marcar a passagem do tempo, medir distâncias, distinguir o pesado do leve, ter conceitos espaciais como em cima e embaixo, fora e dentro, frente e atrás. A matemática está presente em todas as atividades do homem, seja simples como repartir algo ou complexa como projetos de engenharia. As noções matemáticas como contar, estabelecer relações quantitativas e espaciais dentre outras, são construídas pelas crianças através de interações com o meio e através das relações interpessoais.

### Considerações finais

É fundamental ressaltarmos a importância da Educação Infantil, porque é nesta etapa que as crianças se desenvolvem em seus diferentes aspectos: cognitivo, social, psicológico e emocional. Os vários aspectos e dimensões do desenvolvimento infantil não são áreas separadas, por isso é fundamental considerarmos a infância como um todo. Para tanto é preciso ampliar as experiências e conhecimentos, estimulando a exploração do mundo por meio das múltiplas linguagens.

Assim, pensar a importância das múltiplas linguagens na educação infantil é, permitir a criança liberdade de ação e constituição do conhecimento e da aprendizagem de forma ampla e prazerosa. As crianças não devem ser imersas em uma ou outra linguagem, mas sim, em múltiplas linguagens.

As múltiplas linguagens ampliam o trabalho pedagógico, contribuem para o desenvolvimento integral da criança oportunizando-a a novas vivências e experiências.

### Referências

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; LEAL, Telma Carolina Perrusi. Alfabetizar e letrar na Educação Infantil: o que significa? In: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (Orgs.). **Ler e escrever na educação infantil** – discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p.13-30.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. Entrando na roda: as



histórias na educação infantil. In: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (Orgs.). **Ler e escrever na educação infantil** – discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p.33-49.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Ministério da Educação. PARECER CNE/CEB nº 20/2009 de 11 de novembro de 2009. Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil. Brasília: Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. nov. 2009.

CORSINO, Patrícia. Trabalhando com projetos na educação infantil. In: CORSINO, Patrícia (org). **Educação infantil cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores associados, 2009, 117-121.

FARIA, Vitória Lima Barreto, SALLES, Fatima. Currículo na educação infantil: **diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica**. 2.ed.[ver. e ampl.]. São Paulo: Ática, 2012.

FARIA, Vitória Lima Barreto; DIAS, Fátima Regina Teixeira de Salles. **Currículo na Educação Infantil**: diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica. São Paulo: Scipione, 2007.

LEAL, Telma Ferraz; SILVA, Alessandro da. Brincando, as crianças aprendem a falar apensar sobre a língua. In: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (Orgs.). **Ler e escrever na educação infantil** – discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p.53-70.

MALAGUZZI, Loris. (1994). **Ao contrário as cem existem**. Bambini. Milão, nº 2 adu, livre de Ana Lúcia Goulart de Faria, Patrícia Piozzi e Maria Carmem Barbosa).

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque, Práticas musicais na escola infantil. In: CRAYD, Maria, KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (Orgs.). **Educação infantil** – para que te quero? Porto Alegre: Armed, 2001.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de; MARANHÃO, Damires; ABBUD, Ieda. Et AL. **O trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.